A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM TINTAS NATURAIS

Mariana Ferreira Lima[1]
Deyvid Ribeiro de Jesus[2]
Valnice Sousa Paiva[3]

INTRODUÇÃO

A construção da identidade é um processo fundamental no desenvolvimento das crianças, pois envolve o reconhecimento de si, do outro e do meio em que vivem. Nesse sentido, a oficina de identidade com tintas naturais surgiu como uma proposta pedagógica significativa, unindo expressão artística, criatividade e valorização dos elementos naturais. A atividade foi realizada em dois contextos distintos: Em uma escola quilombola de ensino Fundamental e um grupo de crianças da creche na semana do brincar na UNEB, permitindo observar diferentes formas de participação, compreensão e expressão.

Durante a oficina, as crianças tiveram a oportunidade de produzir tintas a partir de elementos naturais, como pó de café, corante e açafrão, e utilizá-los na construção de autorretratos, em uma atividade de reconhecimento de si, por tema “quem sou eu”. Essa proposta favoreceu não apenas o desenvolvimento da coordenação motora e da criatividade, mas também estimulou reflexões sobre identidade, pertencimento e individualidade. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo relatar e analisar as diferenças entre as duas experiências vivenciadas, considerando as particularidades de cada faixa etária, bem como as formas de interação, expressão e envolvimento das crianças durante a realização da oficina.

DESENVOLVIMENTO

A atividade foi desenvolvida com dois públicos distintos, possibilitando a vivência de diferentes contextos educativos. O primeiro grupo era composto por crianças de

[1]Graduanda em Pedagogia (UNEB) - estudosmariana13@gmail.com
[2]Graduando em Pedagogia (UNEB), Integrante do grupo de pesquisa TIPEMSE e Monitor Apoiador pelo NAI/SAIN – deyviddr345@gmail.com
[3]Pedagoga, Especialista em Educação Digital, Mestre e Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, onde é docente – vpaiva@uneb.br



uma escola quilombola, na qual foi possível perceber a ausência de identificação com seu pertencimento étnico e cultural. Durante a roda de conversa inicial, constatou-se que a identidade quilombola ainda era uma categoria abstrata para os discentes, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas que tensionam a invisibilidade histórica dessas comunidades.

Diante disso, iniciamos a atividade com um levantamento dos conhecimentos prévios e, em seguida, apresentamos o conceito de comunidade quilombola, destacando sua importância histórica e cultural. Posteriormente, introduzimos a proposta da oficina "faça seu autorretrato com tintas naturais", enfatizando a valorização da cor da pele e a utilização de elementos naturais acessíveis ao cotidiano das crianças, fortalecendo assim a identidade e o reconhecimento de si.

Já o segundo momento foi realizado com crianças em um espaço da UNEB, a proposta foi adaptada de acordo com a faixa etária. Inicialmente, dialogamos com os participantes sobre o reconhecimento dos materiais e suas possibilidades de uso. Em seguida, propusemos a construção do autorretrato com tintas naturais. Observou-se que muitas crianças produziram desenhos mais livres e criativos, explorando diferentes formas de expressão. Ainda assim, a atividade possibilitou o contato com a metodologia das tintas naturais, favorecendo a experimentação e a ampliação de repertórios.

Essa prática dialoga com as contribuições de Paulo Freire (1996), ao destacar a importância de uma educação que valorize a identidade dos sujeitos, seus saberes e sua realidade, promovendo uma aprendizagem significativa a partir da vivência e do reconhecimento de si no mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

Os resultados evidenciam diferenças significativas entre os dois grupos participantes da atividade, especialmente em função da faixa etária, fator que influenciou diretamente as formas de interação, participação e realização das propostas. O primeiro grupo, composto por crianças da escola quilombola, apresentava maior idade, o que se refletiu em maior autonomia durante a execução da atividade. Observou-se que essas crianças demonstraram mais facilidade no



manuseio dos materiais utilizados, como o café, a cola e os recipientes, além de maior domínio na utilização de instrumentos como pincéis e folhas, evidenciando um nível mais desenvolvido de coordenação motora fina.

Nesse contexto, a proposta do autorretrato foi realizada com maior facilidade, sendo possível identificar não apenas a execução da atividade conforme orientado, mas também a ampliação da proposta por parte das crianças, que, além do autorretrato, produziram outros desenhos, demonstrando criatividade e envolvimento com a atividade.

Em contrapartida, o segundo grupo, composto por crianças mais novas participantes da atividade realizada no espaço da UNEB, apresentou maior necessidade de mediação durante todo o processo. As crianças demonstraram dificuldades no manuseio dos materiais e na utilização dos instrumentos, demandando maior auxílio para a produção das tintas naturais e para a realização das atividades propostas. Tal aspecto pode ser compreendido à luz das contribuições de Lev Vygotsky, que destaca a importância da mediação no processo de aprendizagem, especialmente em fases iniciais do desenvolvimento, nas quais a criança ainda não possui autonomia plena para realizar determinadas tarefas.

No que se refere à proposta do autorretrato, observou-se que, para esse grupo, a atividade assumiu um caráter mais livre e exploratório, uma vez que as crianças ainda não possuíam habilidades consolidadas para representar a si mesmas de forma mais estruturada. Ainda assim, a proposta possibilitou o estímulo à criatividade, à experimentação e ao contato com diferentes formas de expressão, evidenciando que, mesmo com limitações motoras, as crianças se engajaram na atividade de maneira significativa.

Dessa forma, os resultados indicam que, embora as respostas à atividade tenham variado de acordo com a faixa etária e o nível de desenvolvimento das crianças, em ambos os contextos foi possível observar a presença da criatividade, do envolvimento e da participação ativa, reafirmando a importância de práticas pedagógicas que valorizem a experimentação, a expressão individual e a adaptação das propostas às necessidades de cada grupo.

CONCLUSÃO



Conclui-se que o trabalho envolveu diversos aspectos do desenvolvimento da criança, como a coordenação motora ao desenhar e realizar pinturas, a ampliação do conhecimento sobre o que é uma comunidade quilombola, além da aprendizagem de práticas criativas, como a produção de tintas a partir de alimentos, entre outros. A partir dessas vivências, nós, pedagogas em formação, também aprendemos significativamente ao aplicar a atividade em dois públicos distintos, compreendendo que as realidades e os conhecimentos prévios influenciam diretamente no processo de aprendizagem. Nesse sentido, como destaca Vygotsky (1998), o desenvolvimento ocorre por meio das interações sociais e das experiências vividas, reforçando a importância de práticas pedagógicas contextualizadas e significativas.

PALAVRAS-CHAVES

Identidade; Tintas naturais; Educação infantil; Comunidade quilombola; Expressão artística

REFERÊNCIAS

VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

